



GÊNERO

BERTHA LUTZ (1894 – 1976)

Teresa Cristina de Novaes Marques

Pediram-me que escrevesse sobre Bertha Lutz e a primeira idéia que me ocorreu foi perguntar: por que recordar esta mulher? São muitas as mulheres que atuaram no mundo público por meio das correntes feministas no Brasil desde o início do século XX até hoje. Então, por que Bertha e não outras tantas?

Ao recordar alguém, acrescentamos, de modo consciente, mais uma peça dentre as que compõem a memória social. Aqui, construímos uma memória do mundo sensível às mulheres brasileiras. Os velhos positivistas eram exímios em povoar o nosso cotidiano com monumentos em nome da memória de grandes homens. Por toda parte, nas cidades, ainda nos deparamos com estátuas de gosto duvidoso de homens destacados na vida política do país, definidos assim por critérios peculiares à concepção de história partilhada pelos positivistas. Faremos, pois, uma estátua em memória de Bertha? Isso fará com que ela permaneça na consciência cívica das feministas brasileiras: uma heroína inerte, na grandeza da pedra ou do bronze apostado sobre um pedestal?

Façamos, ao invés, um exercício de reflexão sobre a atuação dessa mulher, incontestável líder do feminismo sufragista moderado que conquistou para nós o direito de votar. Avaliemos Bertha nos seus acertos e erros, e como exemplo de atuação política.

É certo que no seu curto e intenso mandato como deputada federal (de julho de 1936 a novembro de 1937), Bertha passou ao largo das questões conjunturais da vida política do país. Li seus discursos e não encontrei uma linha sequer sobre torturas ou prisões arbitrárias. Consideraríamos essa omissão um erro? Historiadores sabem que não devem agir como juízes dos homens do passado mas, teimosamente, confesso que, em muitos momentos, me ocorre formar um juízo definitivo sobre Bertha. Então, quando começo a formar a imagem de uma mulher autoritária e inflexível, eis que ela me surpreende novamente com um projeto de lei amplo e revolucionário para as condições de vida das mulheres de seu tempo. Desse modo, tendo a interpretar este silêncio de Bertha à luz de sua maneira de fazer política, absolutamente determinada a cumprir etapas na sua clara agenda de reformas. Se o projeto que ela propôs de criação de um Departamento da Mulher, algo como um ministério voltado para a mulher e a criança, dependia do apoio tácito do Vargas, simpático à causa feminina, era desse Vargas que Bertha se aproximava, guardando distância do governante autoritário que convivia na mesma figura do presidente.

O exame da atuação de Bertha na Câmara de Deputados revela também, ao lado do que chamo silêncio, uma eloqüente atuação em favor de idéias amadurecidas

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 11-12, 1. - 2. sem. 2006 11



GÊNERO

ao longo dos 18 anos de vida pública que ela contava ao tempo de sua investidura como deputada. Era o que ela fazia de melhor. Na Câmara, Bertha apresentou projetos consistentes e fundamentados. Não esperou apoio técnico de algum colega de Parlamento experimentado nos trâmites legislativos. Seus projetos são fundamentados com documentos escritos de próprio punho, como os que o Arquivo da Câmara preservou. As idéias de proteção à mulher e à infância não saíram de gabinetes de assessores parlamentares, mas foram redigidas a quatro, talvez, seis mãos, na sala de estar das casas das feministas que mais proximamente colaboravam com Bertha. É preciso, portanto, destacar positivamente a capacidade de articulação de Bertha e de suas colaboradoras. Também é preciso ressaltar a clareza dos propósitos que animavam essas feministas, bem como a cristalina percepção das etapas de reformas legais a serem percorridas para alcançar um quadro menos opressivo para as mulheres. O mínimo que se pode dizer a partir do exame da documentação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e do mandato de Bertha na Câmara é que ela e suas colaboradoras trabalhavam muito. Eram incansáveis e insistentes em defesa de direitos femininos em um mundo político ainda majoritariamente masculino.

Outro ponto. Se, para defender idéias em favor das mulheres, era preciso dominar o vocabulário masculino, Bertha o fez. Estudou Direito e se formou advogada, quando já tinha uma respeitável trajetória como bióloga e funcionária pública. Assim, suas aparições no teatro do plenário da Câmara eram precedidas pela apresentação de suas credenciais como advogada e cientista de reconhecimento internacional. Ao ler essas peças parlamentares, fica-nos a impressão de que seus colegas deputados a respeitavam e a ouviam. Há dúvidas sobre se eles a escutavam, mas isso é outro problema.

Voltamos à pergunta inicial sobre a justificativa para recordar Bertha. Não creio ser relevante, nos dias atuais, no quadro plural do movimento feminista brasileiro, tomarmos a senhorita Lutz como uma heroína precursora das lutas femininas. Isso seria descaracterizá-la de sua dimensão humana. Devemos avaliar suas estratégias de ação, seus equívocos e acertos. Acima de tudo, o exercício de recordação da trajetória pública dessa mulher especial pode ser inspirador, quando constatamos que seu principal legado foi ter vivido a política e a defesa de suas idéias de modo intenso por toda a vida e com muita, muita seriedade.

12 *Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 11-12, 1. - 2. sem. 2006*